

**SHIRLEY SANCHES YAEGASHI**



**O ENVOLVIMENTO DA MULHER NO ESPORTE**

Monografia apresentada como requisito parcial para conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física, do Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná.

**CURITIBA**

**2006**

**SHIRLEY SANCHES YAEGASHI**

**O ENVOLVIMENTO DA MULHER NO ESPORTE**

**Monografia apresentada como requisito parcial para conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física, do Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná.**

**RUTH EUGÊNIA CIDADE**

Dedico essa monografia aos meu pai, a minha mãe e a minha irmã que apesar de todas as dificuldades que enfrentamos esse ano, me ajudaram, dentro do possível, a realizar essa monografia .

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente aos meus pais e a minha irmã, que sem o esforço deles, a dedicação, o apoio e a torcida eu não estaria aqui na Universidade.

Em segundo lugar não poderia deixar de agradecer a uma pessoa que é minha grande amiga Déborah de Carvalho Kaiser que ao longo do curso me apoio tanto nos momentos de alegria com nos de dificuldade e não deixou, nunca que eu desistisse de terminar esse trabalho. Em terceiro não poderia deixar de agradecer a minha orientadora Ruth Eugênicia Cidade, que apesar de não ser sua obrigação, me ajudou em vários aspectos e não deixou que eu desistisse. Por ultimo gostaria de agradecer todos que diretamente ou indiretamente contribuíram para a conclusão desse trabalho.

A todos o meu muito obrigado!!!

“É um grande privilégio ter vivido uma vida difícil.”

( Indira Gandhi)

## SUMÁRIO

RESUMO.....	vi
INTRODUÇÃO .....	1
CAPÍTULO 1 – O ESPORTE MODERNO.....	4
CAPÍTULO 2 – O ENVOLVIMENTO DA MULHER NO ESPORTE .....	18
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	33
REFERÊNCIAS.....	35

## RESUMO

### O ENVOLVIMENTO DA MULHER NO ESPORTE

Esse trabalho aborda temas como o esporte moderno e o envolvimento da mulher no esporte, tendo o último como objeto de estudo principal. O esporte teve seu início nas civilizações antigas como: Maias, Egípcios, Mesopotâmios, entre outros, mas foi na Grécia que esse vento teve mais força e significado sendo sua maior expressão os Jogos Olímpicos. O esporte como o conhecemos hoje, o esporte moderno, teve seu início na Inglaterra em meados do século XVIII, momento em que movimentos sociais, industrialização e urbanização, movimentos típicos do capitalismo, trouxeram consigo novos padrões e condições de vida. O capitalismo com seus valores, de rendimento, alta produção, racionalização e competição, influenciou o esporte moderno onde o rendimento físico-técnico, recorde, competição e cientificação dos treinos e técnicas passaram a ser marca registrada desse evento. Seguindo o mesmo caminho da sua edição na Grécia, o ressurgimento dos Jogos Olímpicos foi extremamente importante para o desenvolvimento desse fenômeno, passando a ser conhecido como Jogos Olímpicos da Era Moderna seguindo os mesmos padrões e formato das Olimpíadas da Grécia, os Jogos Olímpicos da Era Moderna, no seu início, não permitia a participação feminina nos jogos, ou seja, a competição para as mulheres era proibida, sendo apenas permitido que elas assistissem aos homens. Para que as mulheres atingissem sua condição atual, tanto na sociedade, como no esporte, foram anos de luta e de superação para que fosse provado que elas poderiam participar das mesmas atividades que os homens praticavam e que eram exclusividades deles. Mas especificamente no esporte as mulheres lutaram e, ao longo dos anos, tiveram que se superar e superar os homens para que ganhassem o direito de praticar e de participar de competições esportivas, já que para eles, as mulheres eram seres frágeis que tinham a principal função a reprodução e deveria se resguardar para que nada as afetasse. A história nos mostra que, graças a mulheres como Alice de Milliat, que discordavam dessa ideia do sexo frágil, as mulheres provaram que o esporte é benéfico a elas e que é uma área de atuação tanto como mera prática esportiva, como o esporte de alto rendimento.

Palavras-chave: Insira aqui três palavras que identificam o seu trabalho.

## INTRODUÇÃO

Com o intuito de entender o motivo pelo qual o esporte feminino recebe pouco incentivo e em certas modalidades a mulher não é bem vista, temos, através desse trabalho, o objetivo de entender como se deu e o desenvolvimento da situação feminina no esporte.

Historicamente as mulheres sofreram e sofrem com o preconceito com relação ao as suas funções sociais. No passado elas estavam restritas à cuidar da casa, ser uma esposa dedicada e fiel ao marido, cuidar da saúde e bem estar da família, a mulher deveria se tornar um agente familiar da higiene social (Matos; Soihet, pág 110), e a principal função a de reprodutora. Todas as atividades que não estivessem relacionadas às essas funções eram tidas como prejudiciais à saúde feminina, e moral da sociedade já que essa se tornou o abaluarto da moral social (Matos; Soihet, pág 110), além de prejudicar e afetar a principal e mais importante função da mulher: a reprodução. Ao longo dos tempos isso tem se alterado, as mulheres conquistaram o direito ao voto, ao trabalho, apesar de não como os mesmos salários que os dos homens, o acesso a áreas que antes eram restritas ao sexo masculino. Mesmo nos dias de hoje temos problemas com essa questão homens e mulheres, ainda existe espaços em que as mulheres tem encontrado dificuldades em fazerem parte, um deles é o futebol, já que o esporte tornou-se uma expressão cultural cada vez mais importante dos valores masculinos tradicionais (Moura, 2003). Segundo Deive(2005) o Barão de Coubertin, responsável pela reinauguração do evento que melhor expressa o esporte moderno, os Jogos Olímpicos, tinha seus fundamentos baseados na expressão latina *citius, altius,*

fortius (mais rápido, mais alto, mais forte) que representam uma cultura física que visava coroar a masculinidade. Pretendemos com esse trabalho mostrar as conquistas das mulheres, o momento e a forma com que elas começaram a praticar e fazer parte da história do esporte. Assim temos em mente trabalhar o envolvimento da mulher no esporte.

Ante discutimos essa questão propriamente dita, temos que levar em consideração as questões relacionadas com o esporte. Para entendermos como as mulheres conquistaram seu direitos a prática esportiva, temos que entender como surgiu o esporte moderno, como o conhecemos hoje, pois sabemos que ele, na realidade, não surgiu. O esporte moderno ressurgiu, segundo Elias (1985) muitos esportes que são hoje praticados, o são de maneira idêntica em todo o mundo, tiveram a sua origem na Inglaterra, em meados do século XVIII e se desenvolveu até chegar a sua forma atual. O esporte moderno refere-se à uma atividade corporal de movimento com caráter competitivo.(BRACHT, 2003). Esse esporte é resultado de um processo de modificação, de esportivização da cultura corporal de movimento, podemos dizer que o esporte é um fenômeno universalmente crescente que atinge a todas as classes.(BRACHT, 2003; GEBARA, 2002).

Segundo minha própria experiência, sempre me questioneei, por ser muito esportista, porque certas atividades físicas eu não podia, na verdade não permitiam, que eu participasse, alegando que não era apropriado para mulheres. Nunca concordei com isso, pois sempre achei que todos temos os mesmos direitos, independente de serem meninos ou meninas, homens ou mulheres, mas olhando a história nunca foi assim.

A partir desse ponto, pretendemos mostrar nesse trabalho como se deu o envolvimento das mulheres na prática esportiva e sua evolução.

No passado as mulheres tinham o seu lugar bastante definido, elas eram a esposa dedicada e fiel ao marido, regeneração social e moral dos cidadãos segundo (cf. Medeiros, 1926; Godoy, 1927); dona de casa impecável e mãe, elas eram responsáveis por educar, cuidar da casa, cuidar da saúde e bem estar da família e tudo aquilo que não estivesse relacionado à essas atividades, era visto como prejudicial à mulher, inclusive a atividade física era vista como prejudicial, sua prática, segundo médicos da época, poderiam afetar sua principal função nessa sociedade, a reprodutora. (DEVIDE, 2005). Com o passar do tempo isso foi mudando e a imagem da mulher também, hoje as mulheres tem o direito ao voto, tem direito ao trabalho, são mais independentes, realizam certas atividades que no passado eram exclusiva dos homens e que, atualmente, passou a ser sua área também; ainda hoje temos campos em que as mulheres não conseguiram ou estão com dificuldades em entrar devido a cultura masculinizada que ainda está presente.

Temos como objetivo principal a discussão a respeito do envolvimento da mulher no esporte. Analisamos texto sobre o esporte moderno e seu desenvolvimento ao longo da tempo, pesquisamos em livros, artigos e documentos o envolvimento da mulher no esporte, quando essa começou a fazer parte e sua evolução. Em base utilizamos fontes primária como: documentos, textos, artigos, teses entre outros para fundamentar os dois capítulos que compõem esse trabalho.

No primeiro capítulo abordamos o assunto: esporte moderno. Através das pesquisas realizadas e leitura de textos discutimos como o esporte moderno surgiu ou melhor ressurgiu, e como se deu todo o processo de evolução até atingir o formato que conhecemos hoje.

No segundo capítulo, abordamos o objetivo principal desse trabalho: o envolvimento da mulher no esporte. Se utilizando de livros, teses e artigos

discutimos nesse capítulo, quando a mulher começou a fazer parte da história esportiva, sua evolução e , principalmente, sua luta para ter o direito de praticar esportes, em especial o de alto rendimento, sem que fossem criticadas ou mal vistas pela sociedade, em outras palavras a evolução do esporte feminino até os dias de hoje.

## CAPÍTULO 1

### O ESPORTE MODERNO

Nesse capítulo temos a intenção de falar sobre o esporte moderno, como surgiu e seu desenvolvimento.

Autores como Valter Bracht (2003), Ademir Gebara (2002), Nibert Elias (1992) e Eric Dunning (1992), concordam que o esporte moderno teve início na Europa, mais especificamente na Inglaterra em meados do século XVIII. Segundo Bracht (2003) esse movimento ganhou força no final do século XIX e início do XX momento em que a sociedade vigente, a capitalista, trazia a tona novas condições de vida que influenciaram o seu desenvolvimento. Esse autor ainda afirma que o esporte moderno, nada mais é, do que uma atualização das práticas corporais de antigamente, já que o esporte, como prática corporal, já estava presente na sociedade antiga e possuía características como: movimentação de uma bola com pés e as mãos, um campo específico de jogo, confronto entre um ou mais grupos, decisão pelo esforço físico entre outras que caracterizaram-nas como esporte.

Bracht (2003) fala sobre os jogos populares, ele diz que por volta de 1800, os jogos populares começaram a perder força, ou seja, ao poucos foram deixados de lado, isso aconteceu devido a situação em que a sociedade se encontrava, em outras palavras, os acontecimentos sociais; a industrialização e a urbanização, movimentos típicos do capitalismo, trouxeram consigo novos padrões e condições de vida que foram absorvidos pela sociedade. Esse jogos perderam suas funções iniciais, em especial, as festivas que estavam ligadas à colheita, acontecimentos religiosos como o jogo de pelotas dos antigos Maias, entre outros. Para mostrar uma

das funções que e o jogo perdeu, o autor fala sobre o jogo de pelota praticado pelos Maias, um jogo que estava ligado a religião, já que a instituição religiosa era o centro gerador de significados, em outras palavras esse jogo possuía um valor solene e sagrado onde, segundo a instituição responsável, era um revelador da verdade dos destinos e uma forma de se alcançar o ordem do mundo e a submissão a ele. Esse autor ainda fala que os jogos populares, em certo momento, passaram a ser reprimidos, ou seja, sua prática chegou a ser proibida, para que tenhamos uma noção de como foi essa proibição, Bracht (2003) faz uma alusão à prática da capoeira que da mesma forma, em um determinado momento da história, passou a ser reprimido de forma bastante rigorosa pelo poder público, mas como o autor fez uso desse mesmo exemplo apenas para ilustrar não tendo em mente entrar em detalhes a respeito desse assunto.

Para entender como os jogos populares se mantiveram, me utilizo de Valter Bracht (2003) onde ele afirma que foi nas escolas que esses jogos (cultura corporal de movimento) encontraram o seu refúgio. Segundo o autor Wanderley Marchi Júnior (2005) o processo de esportivização do jogo colabora com a tese da continuidade do processo civilizacional, em outras palavras, o esporte passa a ser um condutor histórico, considerado uma invenção da sociedade moderna, em especial a “alta sociedade” que constituiu um conjunto de regras e condutas que foram desenvolvidas com base em interesses relacionais e no “descontrole controlado”, para afirmar isso utilizo a seguinte citação:

parece indiscutível que a passagem do jogo ao esporte propriamente dito tenha se realizado nas grandes escolas reservadas às “elites” da sociedade burguesa, nas **public schools** inglesas, onde os filhos das famílias da aristocracia ou da grande burguesia retomaram alguns **jogos populares**, isto é, vulgares, impondo-lhes uma mudança de significado e de função[...] (BOURDIE, 1983 citado por MARCHI JR, 2005).

Foi graças a essa instituição que os jogos conseguiram se manter com o passar do tempo, já que dentro das escolas essa cultura corporal de movimento, os jogos, não eram vistos, pelas autoridades, como sendo uma ameaça. Foi nessa instituição que o esporte foi regulamentado e se transformou, de forma lenta, mas continua até assumir o formato do que, hoje, dizemos ser o esporte moderno.

Para entendermos melhor a diferenciação entre jogo e esporte, utilizarei Garrigou (2001) citado por Wanderley Marchi Júnior (2005):

os jogos tornaram-se impensáveis como esportes, porque são impossíveis como atividade autorizada socialmente. Pois bem, o esporte é exatamente um exercício de violência física “aprovado socialmente”, porque controlada. A continuidade é, então, a do processo de civilização [...] Após a análise interna das atividades esportivas, a análise social acabava por constituir a esportização numa modalidade do processo de civilização.[...] Longe de ser o ato de grupos sociais afastados do processo de civilização ou que lhe resistiam, a esportivização era a obra daqueles que orientavam o processo civilizador. Ela participava, ao contrário, de um conjunto de transformações civilizadoras que afetavam o modo de vida no meio social e o tempo do “jorro de civilização” (*civilization spurt*) da *society* inglesa dos séculos XVIII e XIX.

No seu processo, segundo Bracht (2003), essa cultura corporal de movimento foi assumindo valores que estavam inseridos no interior da sociedade capitalista, valores como: rendimento, alta produção, competição, recordes, racionalização e cientificação. Quando trazemos esses valores para o esporte temos: rendimento físico-técnico, competição, recordes, racionalização e cientificação dos treinos e das técnicas. Seguindo essa linha de pensamento podemos dizer que a cultura corporal de movimento se esportivizou, creio que nesse momento seria interessante conceituar o que é esporte, apenas para cumprir a função de nos auxiliar a entender o seu desenvolvimento, pois acreditamos que ficaria mais fácil entender essa evolução já que basicamente se mantém as mesmas

idéias de quando ele surgiu, sendo assim entendemos que esporte é uma atividade metódica e regular, que está pautada em regras, leis e normas, e que está associado à resultados concretos ( BARRETO, 2003).

Retomando a questão da influência do capitalismo Wanderley Marchi Jr diz que para Nobeit Elias o jogo reporta o desenvolvimento de um código de conduta e sentimentos, um “ impulso civilizador” detectado nas e pelas relações sociais, assim a

imagem do jogo certamente é a menos ruim para evocar as coisas sociais.[...] Pode-se falar de jogo para dizer que um conjunto de pessoas participa de uma atividade regrada, uma atividade que, sem ser necessariamente produto da obediência à regra, *obedece a certas regularidades*. O jogo é o lugar de uma necessidade imanente, que é ao mesmo tempo uma lógica imanente. Nele não se faz qualquer coisa impunemente. E o sentido do jogo, que contribuiu para essa necessidade e essa lógica, é uma forma de conhecimento dessa necessidade e dessa lógica. (BOURDIE, 1983 citado por MARCHI JR, 2005).

Acrescentando à essa discussão, Marchi Júnior fala que Garrigou levantou questões sobre o controle das emoções e competências intelectuais que estão ligadas a racionalização da sociedade

já que é preciso dominar impulsos e, portanto, compor suas expressões, mascarar seus sentimentos para atingir seus objetivos, o cortesão tornava-se uma fonte de mistério. A civilização dos costumes engendra a opacidade do outro. A polidez cortesã apresentava-se como uma máscara imutável que escondia a diversidade das sentimentos e das intenções. Quando um cortesão se expressava, sua expressão não indicava obrigatoriamente seus verdadeiros pensamentos. A sinceridade não regia as condutas, mas, ao contrário, o cálculo e, eventualmente, a manha, a duplicidade. Tinha-se de adivinhar as intenções e os sentimentos, graças à finura da observação e do julgamento. Em suma, a norma de conduta civilizada encontra sua contrapartida na capacidade de decodificá-las[...] ( GARRIGOU, 2001 citado por MARCHI JR, 2005).

Retornando a questão do surgimento do esporte moderno vemos que muitos tipos de desportos que hoje são praticados, o são de maneira similar por todo o mundo, tiveram origem na Inglaterra (ELIAS, 1992; DUNNING, 1992), onde se desenvolveram juntamente com a sociedade capitalista. Segundo Bracht (2003) os esportes como: apostas em corridas de cavalo, tênis e a esgrima foram incorporados

e faziam parte das atividades de divertimento das classes dominantes, que para evitar discussões passaram a ser regulamentadas, cada vez mais, de forma clara e precisa. Ele ainda afirma que esses esportes passaram a ser incorporados pelos “gentlemen” e praticado em clubes de forma menos regulamentada e com regras menos rígidas tendo como princípio o “fair-play”, por esse motivo “sportman” passou a ser um sinônimo de “gentleman”. Esse autor ainda aponta um ponto muito importante para o desenvolvimento do esporte, segundo ele os filhos desses aristocratas que praticavam esses esportes nas escolas e mais a frente nas universidades criaram os clubes esportivos a fim de não pararem de praticá-los mesmo depois de suas vidas escolares terem chegado ao fim. Juntamente com o crescimento esportivo, a burocratização e organização formal vem se desenvolvendo e com isso surgiu na Inglaterra organizações que uniram os clubes, as federações, promovendo disputas em nível regional e nacional, o esporte assim passou a ser explorado comercialmente surgindo, assim, o profissionalismo.

Um exemplo bastante marcante de esporte que surgiu na Inglaterra, é o nosso famoso futebol, que na era chamado, nesse país, de *association football* ou por sua abreviação *soccer*, mas temos outros exemplos que tiveram a mesma origem: corrida de cavalos, luta, boxe, tênis, remos, atletismo entre outros; é importante lembrar que essa origem está ligada ao esporte moderno, o esporte como o conhecemos hoje, pois alguns esportes, por exemplo o atletismo já eram praticados na antiga Grécia, em outras palavras a origem que quero enfatizar seria um ressurgimento só que no formato do esporte moderno.

Uma influência, inglesa, que podemos verificar seria o termo *sport* que foi adotado por muitos países como sendo um termo que se referia à prática esportiva, a princípio como sendo uma atividade de lazer, essa palavra possuía esse

significado devido a sua origem, esse termo *sport* é um derivado da palavra francesa *desport* que significa prazer, diversão. Em alguns países o termo inglês, que em alguns casos não possuía uma tradução correta, foi estabelecido e sendo incorporado à algumas línguas. Com isso podemos apontar um acontecimento bastante interessante, Nobert Elias (1992) e Eric Dunning (1992) fazem uma consideração bastante interessante desse fenômeno, eles falam que o *sport* se tornou uma propriedade de todas as nações e que é extremamente raro ver que ocorreu uma migração de cultura, e que nessa migração houve pouquíssimas mudanças de um país para outro.

Durante o reinado de Luís XVIII na França existiam competições, as corridas de cavalos e apostas, que seguiam os modelos ingleses, esse esporte ficou de lado durante a revolução francesa e com o fim dessa retornou como sendo um atividade de lazer específico das elites, essas atividades e outras que eram praticadas pelas elites, em especial a inglesa, se propagaram para outras elites de outros países. O futebol, um esporte praticado pela classe média e trabalhadora, também, se propagou e se desenvolveu no sentido de uma maior regulamentação e uniformidade, assim, por volta de 1863 foi instituída uma codificação a um nível nacional, é importante esclarecer que essa migração dos esportes mais populares, em especial, os com bola se deu somente na metade do século XIX, ou seja, os jogos da elite se propagaram antes do que os jogos populares.

Utilizando, mais uma vez, o futebol como exemplo desse desenvolvimento, esse esporte, a partir da sua regulamentação, apresentou um crescimento muito grande, em vários países como: Holanda, Itália, Alemanha entre outros, possuíam clubes de futebol, e que com o passar do tempo esse número de clubes cresceu cada vez mais, em 1908 o futebol passou a ser um elemento regular dos Jogos

Olímpico. Com a divulgação do futebol por outros países, o termo futebol sofreu, muitas vezes, modificação por exemplo, na Alemanha recebeu o nome de *fussball*, na Espanha recebeu o nome de *futbol*, em Portugal era *futebol*, na Holanda foi chamado de *voetbal*, entre outros nomes.

Elias (1992) e Dunning (1992) levantam questões sobre os motivos que fizeram o esporte ter seu início na Inglaterra, se o desenvolvimento das atividades de lazer poder realmente serem chamadas de desporto e se os passatempos do passado são os mesmos que surgiram na Inglaterra, essas questões segundo os autores são baseadas em hipóteses falsas, pois como eles mesmos afirmam não é somente a sociedade contemporânea que sentia prazer no desporto, junto a isso podemos nos utilizar de Valter Bracht (2003) para reforçar essa idéia, segundo ele o desporto é uma manifestação do jogo e esse é um comportamento básico, elementar e universal do homem, com isso, temos a idéia de que o desporto não é algo novo, é uma manifestação antiga e que nesse momento renasce na Inglaterra. Pôr sabemos que o desporto não é algo novo surge mais uma questão: aquilo que se praticava na antiga Grécia possui as mesmas características do que hoje chamamos de desporto?

Primeiro temos que entender o que seria desporto. Para Nibert Elias (1992) e Eric Dunning (1992) a palavra desporto possui dois significados, o que eles chamam de significado lato da palavra, sentido amplo, e o restrito, sentido mais específico. No sentido lato os autores dizem que a palavra desporto faz referência aos confrontos de jogos e aos exercícios físicos de todas as sociedades, no sentido restrito é um tipo específico de prática esportiva que teve origem na Inglaterra e se propagou para outras sociedades. Na atualidade o significado que mais utilizamos é o seu sentido mais amplo e abrangente que seria o confronto de jogos de

numerosos gêneros. Esses autores falam, também, na relação do desporto e o processo de industrialização. Segundo Elias (1992) e Dunning (1992) as transformações que ocorreram do lazer para o desporto estão interrelacionadas com a industrialização, mais uma vez apontamos para a questão de que a sociedade capitalista influencia diretamente as transformações no esporte. Valter Bracht (2003) faz referência ao profissionalismo e o amadorismo, segundo ele as classes dominantes se utilizam do amadorismo como forma de distinção de classes. Os aristocratas defendiam que o esporte era uma atividade realizada pelo simples prazer de pratica-lo, sem fins úteis, desinteressada, como o autor diz: a arte pela arte. O autor fala sobre as características do capitalismo que foram incorporados pelo esporte e que com esse formato, se expandira a partir de meados do século XIX para todo o continente europeu, mas essa expansão não se deu sem resistência. Ele fala que ocorrem certo movimentos provenientes das classes mais baixas contra essa expansão, já que o amadorismo ia contra os interesses da classe trabalhadora.

Retornando ao ponto de que o esporte não é algo novo, levantamos uma questão que seria se as atividades esportiva praticadas antigamente são as mesmas praticadas hoje? Nobert Elias (1992) e Eric Dunning (1992) acreditam que não exatamente da mesma forma, segundo eles os esportes praticados eram de certa forma mais “rudez” e violentos e o desporto de hoje possui características únicas que o distinguem. Os jogos praticados na antigüidade estava pautados em regras baseadas nos costumes o que, comparado com os dias de hoje, apresentam um grau de violência bastante elevado, as regras que sustentam o esporte na Grécia eram criado seguindo os costumes e, diferente dos dias de hoje, não eram escritas, elas eram apenas verbais o que dificultava criticas e revisões. O nível de violência física praticado nos jogos da Antigüidade eram muito superiores, os autores dizem

que a violência praticada estava diretamente ligado organização do Estado e ao seu controle sobre os meios de violência. Elias (1993) e Dunning (1992) afirmam que o controle da violência, sua monopolização, são traços centrais dos Estados-nações contemporâneos, o que na Grécia permanecia rudimentar. Seguindo a idéia da teoria do processo de civilização, de Nobeit Elias (1978), o nível de violência física praticado está relacionado, de forma específica, ao estágio de desenvolvimento em que a sociedade se encontra. Essa questão da violência mostra uma das principais diferenças entre os jogos antigos e o contemporâneos, na Grécia era permitido que pessoas fossem feridas ou mortas em disputas para a diversão dos espectadores, que comparado com os dias de hoje, seria extremamente criticado e repugnado. Pegando a Grécia como exemplo, vemos o alto valor que essa sociedade dava à algumas áreas como a filosofia, artes e poesia, mas em contrapartida, quando falamos do valor humano esse era extremamente baixo.

Para ficar mais claro a questão da violência vou me utilizar do mesmo exemplo que Elias (1992) e Dunning (1992) também utilizaram, a luta é um esporte, hoje, que está altamente organizado e regulamentado. A luta é dirigida pela Federação Internacional de Luta que tem sua sede na Suíça, de acordo com algumas regras impostas por essa federação, alguns golpes foram proibidos sendo severamente punido aqueles que o praticarem. Apesar dessas regras e proibições, a luta de estilo livre, é vista hoje como sendo um dos desportos menos refinados e mais "rude". Nos Jogos Olímpicos antigos, o pancrácio era o acontecimento mais popular, o nível de violência permitida era muito diferente do que é permitido hoje na luta estilo livre. Para entende melhor esse nível de violência praticado no pancrácio tentarei explicar como se dava esse tipo de luta, nessa luta era permitido utilizar todas as partes do corpo, mãos, pés, cotovelos, joelhos, pescoço e a cabeça, os

lutadores podiam utilizar todos os golpes possíveis como: obstruir, agarrar os pés, narizes e orelhas, deslocar dedos e braços e aplicar estrangulamento, em certo momento foi permitido arrancar os olhos, arranhar e morder uns aos outros, mas depois de um tempo essa ação foi proibida, para mostrar o nível de violência quando um dos lutadores era derrubado o outro podia sentar em cima daquele que caiu e bater-lhe na cabeça, orelhas e cara além de poder dar-lhes pontapés e pisá-los, o fim da luta se dava quando um dos participantes desistia ou, como muitas vezes ocorreu, morria. As regras seguiam as tradições e não eram escritas. O nível de violência oscilou durante todo o período.

O pugilismo é um outro exemplo, apesar de ser muito mais limitado por regras, ainda dependia de grau elevado de força física. Os pugilistas não lutavam apenas com os punhos, as pernas desempenhavam um papel muito importante, dar pontapés era um elemento normal e tradicional do pugilato na Antigüidade. Para tornar a luta mais violenta era utilizado entorno das mãos tiras de couro em que, muitas vezes, estavam presos pregos que tinham como objetivo causar um maior ferimento.

O boxe grego era uma forma de preparação tanto para a guerra como para os Jogos Olímpico, Filostrato afirma que algumas técnicas de lutas como o pancrácio fizeram com que os exércitos das cidades gregas tivessem algumas vantagens em algumas batalhas. Na época de Roma imperial os exércitos eram formados por profissionais e não mais por cidadãos, as técnicas militares e de guerra, técnicas tradicionais para os concursos (jogos) estavam cada vez mais ligadas, pois técnicas utilizadas nas guerras eram utilizadas, também, no desporto. Os concursos de jogos nos festivais gregos tinham como objetivo de refletir sobre acontecimentos históricos e heróicos. Para o lutador, participar desses concursos

era mostrar suas habilidades e virtudes guerreiras, era uma honra e louvor para o homem dentro do seu grupo e para o grupo a que ele pertencia, a maior honra era vencer, mas caso perdesse não era uma desonra desde que o perdedor tivesse lutado até não poder desferir mais nenhum golpe, o que era vergonhoso era desistir de vencer sem ao menos ter demonstrado bravura e resistência.

Segundo Elias(1992) conceito inglês de justiça tinha suas raízes não militares diferente da sociedade grega em que a preocupação com a justiça não era muito grande e sim questões relacionadas a honra, esforço e virtudes guerreiras. Ele ainda fala que na Inglaterra que surgiu um novo jogo e com ele um novo tipo de prazer. Os cavalheiros apostavam dinheiro em uma das partes o que tornavam mais excitante assistir a uma disputa já que existia a expectativa de vencer a aposta. Ainda ele diz que esse tipo de jogo desempenhou um papel muito importante na questão de transformar os jogos de confrontos e desenvolver questões relacionadas a identidade dos jogos e a justiça, com isso foi necessário um nível de organização mais elevado do que existia na Grécia.

Elias (1992) faz referência a questões relacionadas com o estágio de desenvolvimento social e o controle da violência física; na sociedade grega a força, beleza física, apuro e a resistência desempenham um papel fundamental e determinante na posição social de um indivíduo do sexo masculino, o que já não acontece na sociedade atual onde a imagem corporal foi substituída pela inteligência e pelo carácter moral. Segundo esse autor um homem que não fosse capaz de lutar teria uma representatividade pouquíssimo dominante nessa sociedade já que qualificações como: imagem corporal, guerreiro forte e habilidoso eram considerados

virtudes, diferente da nossa sociedade onde virtude está relacionada com características morais.

Para finalizar esse capítulo, julgamos ser importante falar sobre os Jogos Olímpicos, já que como foi dito, o esporte moderno é o ressurgimento do esporte praticado no passado e eles são a melhor expressão.

As Olimpíadas Gregas surgiram, segundo Escobar (1958) por volta do vigésimo ano do reinado de Acrísius, Rei de Argos, e eram celebrados em homenagem á Zeus. A competição recebeu esse nome por ser realizada na cidade de Olímpia.(GRIFI, 1989).

A palavra olímpicus, segundo a mitologia grega, quer dizer: bravo, leal; essa foi a denominação que Zeus deu à Hércules e seus companheiros por defenderem o monte Olímpio dos gigantes que não reconheciam Zeus como deus.( ESCOBAR, 1958).

Somente podia fazer parte dessa competição homens, não escravo ou estrangeiro, sem qualquer tipo de crime pendente com o Estado, grego ou de origem, ter entre 17 e 20 anos de idade, entre outros.( ESCOBAR, 1958).

Segundo Grifi (1989) as mulheres eram excluídas de assistirem e de participarem das competições sendo punidas com a morte, a única mulher que possuía a permissão para acompanhar os jogos era a sacerdotisa de Demetra.

Faziam parte dos Jogos Olímpicos as provas: corrida de estádio, estádio duplo, pentatlo, luta, pugilato, corrida armada, corrida de cavalos, corrida de carros, por volta da 80ª Olimpíadas, provas de literatura e artes passaram a fazer parte dos jogos. (RAMOS, 1982).

É importante ressaltar que a beleza do físico, habilidades guerreiras, honra estavam bem amostra nesses jogos, em outros palavras os Jogos Olímpicos para os gregos eram: “ reunião de valores [...] centro de fusão de todas as manifestações religiosas, sociais, militares, artísticas e políticas do mundo grego” (GRIFI, 1989).

Seguindo, a princípio, o modelo grego, Pierre de Fredy, Barão de Coubertin, reinaugurou os Jogos Olímpico da Era Moderna. Ele seguia mesmo formato dos Jogos gregos em que somente homens poderiam participar. Em 23 de Junho de 1894, Coubertin realiza um congresso na universidade de Sobornne, em Paris, divulgando a sua idéia de reinauguração dos jogos.(DEVIDE, 2005).

O barão via o esporte como um complemento da educação do homem, isso pode ser percebido nos princípios fundamentais criados por ele, promover o desenvolvimento das qualidades físicas e morais, educar a população jovem através do esporte entre outros. (VALENTE, 1997)

Para Coubertin os Jogos Olímpicos eram festivais atléticos que tinham como objetivo ressaltar a beleza física e o vigor masculino, tendo como prêmio os aplausos femininos. Da mesma forma que o modelo grego, a mulheres estavam proibidas de participarem, sendo apenas permitido que assistissem aos jogos (DEVIDE, 2005), esse assunto será melhor abordado no capítulo seguinte.

## CAPÍTULO 2

### O ENVOLVIMENTO DA MULHER NO ESPORTE

Para entendermos o processo do envolvimento das mulheres no esporte é muito importante que tenhamos em mente que: “cada época é válida em si mesma; tem sua lógica interna segundo a razão histórica, suas possibilidades de felicidade, seus riscos de infelicidade, seu sentido ou seu *sem-sentido*.” (CIDADE, 2004). É importante ressaltar que: “a participação maior ou menor da mulher em atividades esportivas, seja como praticante ou expectadora, variou de cultura para cultura, de época para época.” (CIDADE, 2004)

A história em geral, tem seguindo um a vertente da neutralidade, segundo o autor Fabiano Pries Devide, a história interpreta “o homem” como ser universal que engloba, também, as mulheres e suas experiências. Já a história das mulheres, tem tentado incluí-las como o objeto e sujeito de sua própria história, reivindicando a importância da mulher na história (DEVIDE, 2005).

Segundo a autora Matos (2003), focalizando o gênero percebe-se que esse vem contribuindo para redefinir e ampliar noções tradicionais do significado histórico. Complementando, Devide (2005) diz que o gênero tornou-se a base para as modificações do pensar na história incluindo como sujeito as mulheres e entendendo que elas possuem suas próprias identidades. Não entraremos mais no detalhe da questão de gênero, apesar de concordarmos que este desempenhou um papel muito importante no envolvimento da mulher no esporte, mas este não é o nosso objeto de estudo. O envolvimento das mulheres em atividades físicas já era presente em civilizações antigas com: Egito, Mesopotâmia, China e Índia. Os gregos

admiravam as qualidades “femininas” de afetividade, maternidade e beleza e valorizam as mulheres, exemplo desse respeito estão mostrados em pinturas em vasos em que as representações da figura feminina não ficavam, como o autor diz:” em momento algum, inferiores às representações dos homens” .

Segundo Deive (2005) fala sobre a mitologia grega, as mulheres tinham o direito e a habilidade se tomarem decisões que desempenhavam um papel importante em suas vidas. O autor ainda continua dizendo que as mulheres se:

destacaram na literatura, nas artes, na filosofia, na ciência, na música e na política. [...] o sexo feminino desempenhou importante papel intelectual e política na Grécia. As habilidades das mulheres [...] provaram serem iguais às dos homens, e às vezes superiores na capacidade de criar, julgar e sentir.

Para reforçar essa idéia de que as mulheres desempenharam papel importante nessa áreas, alguns exemplos: na área das ciências surgiram mulheres médicas e na política cita que Olímpia mãe de Alexandre, o Grande, desempenhou importante papel no governo desse grande rei da Macedônia. O caminho percorrido pela mulheres gregas no esporte pode ser traçado desde o início dos tempos, o esporte fazia parte da educação das mulheres e meninas, tanto em Esparta com em Creta seguindo a mesma forma da educação para os meninos. As mulheres em Esparta possuíam uma maior liberdade, eram educadas e treinadas para fins eugênicos, (relacionados à reprodução), e seus treinamentos se davam ao lado dos homens, esse treinamento era voltado para fins militares. Em Creta a educação das mulheres eram as mesmas utilizadas para os homens, elas possuíam vidas independentes, praticavam esportes e tomavam parte nas competições. Nessa cidade as mulheres possuíam roupas específicas para a prática física (DEVIDE, 2005).

Durante os tempos helênicos e romanos, segundo o autor Deive (2005), as mulheres eram permitidas de participarem em alguns eventos reservados aos

homens, as meninas tinham permissão de participarem dos Jogos Pan-Helênicos, mas nos Jogos Olímpicos as mulheres eram: “ proibidas [...] de participarem [...] como atletas e como espectadoras,[...]” (CIDADE, 2004). Apesar de não participarem dos Jogos Olímpicos, as mulheres gregas possuíam As Heréias que ocorriam da mesma forma que os Jogos Olímpicos, na mesma cidade somente em datas diferentes.

As Heréias eram festas religiosas que seguiam o ritual olímpico, mas era realizado apenas para as mulheres e pelas mulheres. Essa festa tinha o objetivo de cultuar a deusa Hera, e era composta por sacrifício, danças corais e uma corrida de 160 metros em três grupos estabelecidos pela idade. A vencedora tinha direito de consagrar seu retrato no templo de Hera além de receber a coroa de oliveira.(RAMOS, 1982).

Na Idade Média e no Renascimento a mulheres ia os bailes como forma de expressão em que elas participavam de jogos com cartas e com bola. Com o crescimento da educação cavalheiresca, as mulheres foram deixas a margem como meras expectadoras. Foi a partir da Revolução Francesa e o surgimento da burguesia que, segundo Cidade (2004), a prosperidade e o desenvolvimento econômico começaram a mudar significativamente o cotidiano e a vida doméstica da mulher do século XIX. Com o advento de novas tecnologias com: luz elétrica, água encanada, as cozinhas mais modernas, uma placa de ferro com discos que regulavam a intensidade do fogo, possibilitou às mulheres uma variedade grande de ações, no caso da cozinha, possibilidades culinárias. Na medicina, a utilização de anestesia e assepsia possibilitaram parto mais fáceis e menos risco de infecções o que diminui a mortalidade materna, as mulheres do *mundo desenvolvido*, começaram a ter menos filhos, “não obstante, é razoável supor que o fato de ter

menos filhos foi, na vida da mulher, uma mudança mais notável de que a de ver sobreviverem mais filhos seus” (HOBBSAWM, 1988, p. 273).

Apesar da vida das mulheres ter melhorado significativamente, ela ainda continuou no mundo privado, em outras palavras, a vida da mulher estava muito determinada pelas formas sociais, estritamente relacionadas a um leque de possibilidades limitado (CIDADE, 2004). Essa situação ocorre por ainda se ter a imagem da mãe e esposa dedicada, um núcleo integrador da família, com habilidade de administrar a esfera do lar com elegância e beleza visando sempre o bem estar da família. (CHAGAS,1995)

A praticada socialmente em bailes, o desaparecimento das barbatanas, gradualmente, o advento das máquinas que exigiram movimentos mais livres e firmes, afrouxaram as convenções e possibilitaram, assim, uma maior liberdade da mulher. O esporte permitiu que jovens de ambos os sexos alargassem seus ciclos sociais. O tênis , inventado em 1873, se tornou o esporte preferido das classe médias, na maioria por se bissexual. Com a invenção da bicicleta a emancipação feminina foi maior que a masculina (CIDADE, 2004).

Em 23 de junho de 1894, sob a liderança do francês Pierre de Fredy, mais conhecido como barão Pierre de Coubertin, foi realizado um congresso na Universidade de Sorbonne, em Paris, onde ele apresentou a idéia de renovação dos Jogos Olímpicos (DEVIDE, 2005). Nesse congresso foram reunidos delegados de doze países, nenhuma mulher fez parte das discussões e a participação delas nos jogos olímpicos não foi mencionada. O Barão de Coubertin, fundamentado nos bases do amadorismo, defendia a competição e o esporte com complemento na educação do homem, aperfeiçoamento da personalidade e enobrecimento. Coubertin não concordava com a participação das mulheres nos Jogos, para ele

somente era permitido que elas participassem como expectadoras. Durante o tempo em que Coubertin esteve na presidência do Comitê Olímpico Internacional (COI) tentou desencorajar a participação feminina nos Jogos. (DEVIDE, 2005).

Segundo Valente (1997) Coubertin defendia a idéia de que o

olimpismo é uma espécie de excesso de esforço, de transcendência do homem enquanto uma unidade psicossomática, os quais revelados pela e na prática do esporte e ativado pelos constantes esforços do indivíduo em seguir princípios estéticos e morais, são encontrados na consciência, para integrar todos os valores humanos na educação do corpo e mente.

Para Coubertin as olimpíadas tinham como objetivo

[...] colocar o esporte a serviço do desenvolvimento harmonioso dos povos, com vistas à promoção da dignidade humana. Combinando o esporte com cultura e educação, o olimpismo busca estimular uma vida baseada na alegria, no esforço, em valores de bons exemplos e respeito pelos princípios éticos universais.(VALENTE, 1997)

O esporte feminino, só começou a aparecer depois da 1ª Guerra Mundial, onde ainda se tinha a visão da mulher frágil, dependente da proteção do homem, com responsabilidades reprodutivas e não intelectuais ou física, essa era a idéia defendida pelo Barão para o não ingresso das mulheres no esporte Olímpico. (DEVIDE, 2005).

Os Jogos Olímpicos, na visão do Barão, tinha como o objetivo ser um festival atlético para os homens, um complemento do processo educacional masculino da classe superior, uma forma de coroar a masculinidade reservada ao homem onde o aplauso feminino seria a recompensa. Todo esse ideal de masculinidade, que Coubertin tinha o intuito de celebrar, não era compatível com a natureza feminina. A exclusão da mulheres estava baseada nos ideais vitorianos sobre os papéis específicos para cada sexo, o homem está associado ao vigor,

moralidade, combatividade e a visibilidade, valores presentes nos Jogos olímpicos a mulher estava reservado a maternidade, o cuidado com o lar e com a família além da subordinação ao homem. (DEVIDE, 2005).

Fortalecendo a idéia vitoriana vigente na sociedade da época, Coubertin baseava-se nas condições impostas, na antiguidade, para que o atleta participasse dos Jogos: não ser escravo nem estrangeiro, não ser de sexo feminino, ter entre 17 e 20 anos entre outros. (ESCOBAR, 1958)

Nesse momento começaram a surgir organizações feministas em várias partes do mundo, em 1902 três feministas americanas realizaram uma conferência em Washington com a intenção de organizar uma organização internacional, ai surgiu a Aliança Internacional de mulheres. Partindo da concepção de Coubertin, a atividade física fazia as mulheres parecerem indecentes e grotesca, além de correrem o risco de se machucarem indo contra pressupostos médicos da época que afirmavam a atividade física poderia ocasionar deslocamento do útero, dificuldades no parto, problemas na amamentação, afetar a aparência física de graça e beleza, pois, segundo Coubertin ocorria uma masculinização das mulheres. Todos esse fatores auxiliavam a exclusão das mulheres nas práticas esportivas, em especial, as competitivas. (DEVIDE, 2005).

Com o passar do tempo Coubertin mudou um pouco a sua visão a respeito da participação feminina na prática esportiva, segundo Devides (2005) foi publicado pelo COI, em 1986, que Coubertin reconhecia o direito das mulheres a uma educação esportiva, inclusive com relação à uma prática competitiva, mas fora da vista dos público masculina. Acreditamos ser errado julgarmos Coubertin seguindo nossa visão atual, temos que levar em consideração o contexto em que ele estava inserido, não devemos condena-lo por ter sido contra a inserção feminina nos Jogos

e após se a favor de uma prática restrita e longe dos olhares masculinos, temos que considerar a educação que lhe foi posta pela sociedade vigente em sua época. Na primeira edição dos Jogos Olímpicos, em 1896, em Atenas, uma mulher grega, chamada Stamata Revithi, atraída pela premiação, tentou se inscrever na maratona só que foi impedida pela comissão organizadora alegando que já havia encerrado o prazo de inscrição. No dia da maratona Stamata tentou, mais uma vez participar, a comissão mais uma vez negou sua participação e prometeu que ela competiria no dia seguinte com algumas americanas, o fato não aconteceu; dois dias após o fato, Stamata correu o percurso da maratona sozinha. Apesar da desaprovação do Comitê Organizador dos Primeiros Jogos Olímpicos da Era Moderna, o fato de uma mulher ter corrido maratona não pode ser deixado de lado, apesar do esforço de Stamata não ter sido reconhecido, foi um marco em que, a partir daquele momento, as mulheres passaram a ingressarem gradualmente nos Jogos, sempre lutando contra os valores da época. (DEVIDE, 2005).

Como forma de colaborar, e de certa forma, ter certeza de que o esporte moderno seria conduzido da melhor forma possível, foi elaborado a Carta Olímpica, por Coubertin, a primeira versão tinha como princípios fundamentais promover o desenvolvimento das qualidades físicas e morais, enquanto princípios básicos do esporte, educar a população jovem, através do esporte, buscando estimular-lhes um espírito de melhor entendimento e de amizade, para a construção de um mundo melhor e mais pacífico, espalhar os princípios olímpicos, pelo mundo, para criar hábitos de bons exemplos a nível internacional e reunir, de quatro em quatro anos, os atletas do mundo, em um grande festival esportivo, os Jogos Olímpicos. (VALENTE, 1997).

Nos primeiros anos de organização dos jogos, pelo motivo do COI não possuir uma coesão estrutural, algumas reuniões e eventos desorganizados, que, entre eles alguns se destinavam às mulheres. Em Paris, em 1900 e em Saint Louis, 1904, foi delegado aos comitês organizadores, a seleção das modalidades e provas para os Jogos, em Paris, foi permitida a realização de eventos de golfe e tênis onde participaram 19 mulheres; em Saint Louis foi permitida a exibição de arco e flecha femininos, mas nessa edição dos Jogos apenas 6 mulheres participaram. Nos Jogos de Londres, o comitê organizador admitiu a exibição de competições de patinação, tênis, arco e flecha, ginástica e iatismo femininos, onde 36 mulheres, representando 4 países, participaram. No ano de 1912, em uma das sessões do COI, ocorreu a primeira discussão a cerca do esporte feminina, foi dessa data que o comitê organizador propôs a inserção oficial da natação feminina no programa, IV Jogos Olímpicos, em Estocolmo, participaram 57 mulheres, que representaram 11 países e 2,2% dos atletas inscritos, em competições de tênis e natação. Em 1914, durante a 17ª sessão do COI, em Paris, um dos pontos discutidos foi em que modalidades as mulheres poderiam participar nos Jogos, devido ao acontecimentos da época, a eclosão da I Guerra Mundial resultou no cancelamento dos V Jogos Olímpico de 1916. Em 1917 foi fundada pela esportista, militante feminista e sua presidente Alice de Milliat, a Federação Esportiva Francesa Feminina (Feff), isso se deu devido ao fato da emancipação feminina na França estar mais adiantada; mesmo assim, Coubertin continuava contrário a participação feminina nos Jogos. No retorno do COI, às atividades, em 1919, foi publicado que as mulheres seriam admitidas nos Jogos, mas apenas em um programa restrito à natação e tênis, não sendo permitida a elas participarem do jogo símbolo, o atletismo. Sendo o principal fator, a recusa da Federação Internacional de Atletismo Amador (Fiaa) em apoiar a inserção do

atletismo feminino nos Jogos Olímpicos Modernos, foi fundada a Federação Esportiva Feminina Internacional (Fefi). (DEVIDE, 2005).

Nesse momento da história as relações sociais, homens e mulheres começaram, na visão da sociedade, a mudar. Questões femininas passaram “ a se alterar, as relações sociais se apaziguaram, as hipóteses de poder das mulheres aumentaram, a segregação sexual desaparecera [...]” ( DUNNING, 1992)

A fundação da Fefi gerou um grande avanço com relação à cultura feminina na França e na Europa, Milliat dizia que o objetivo de esporte feminino era promover a saúde e o equilíbrio entre o corpo e o espírito da mulheres auxiliando, assim, na formação de uma família mais saudável e robusta. Na 19ª sessão do COI, onde, mais uma vez, foi discutido a participação das mulheres, foi decidido que as mulheres seriam incluídas no programa olímpico. Nos VII Jogos Olímpicos ocorreu a participação de 77 mulheres representando 13 países e 2,9% dos inscritos, disputando provas de tênis, natação e saltos. Devido ao descaso com relação à participação feminina no atletismo, foi organizado, em 1922, em Paris, o I Jogos Olímpicos Femininos, que atraiu a atenção de 20 mil expectadores e atletas de 30 países, esse evento seria reeditado a cada 4 anos até 1934, no mesmo formato dos Jogos organizados pelo COI. O COI considerou como abusivo a realização dos Jogos Olímpicos Femininos e declarou que o esporte feminino deveria ficar sob a supervisão das federações Internacionais<sup>0</sup>, nesse momento começa a negociação entre a Fefi e a Fiaa para a inserção do atletismo feminino, nos Jogos de 1928 em Amsterdã, as mulheres participaram de um programa de atletismo que englobava 5 provas, essa programação não agradou a Fefi que dispunha de uma programação mais ampla nos Jogos Olímpicos Femininos. Os Jogos de Amsterdã foram decisivos para as mulheres, segundo jornais da época, mulheres que participaram da prova de

800 metros rasos, cruzaram a linha de chegada bastante fatigadas, essa notícia custaram a elas a suspensão, durante 32 anos, das provas femininas maiores de 200 metros. (DEVIDE, 2005).

Nesse momento foi colocado em xeque a participação feminina e chegou a ser cogitado a hipótese de suspensão da participação feminina nos jogos. Questões médicas sobre a capacidade e os riscos que as mulheres corriam ao praticarem esportes voltou a tona. A medicina reafirmava que as características femininas, com base científica, estavam ligadas às razões biológicas, ou seja, a fragilidade, o recato, o domínio das faculdades afetivas sobre as intelectuais e físicas eram naturais e próprias das mulheres. (SOIHET, 2001).

Nos X Jogos Olímpicos de Los Angeles, em 1932, foi oferecido às mulheres um programa de atletismo com seis provas, sem os 800 metros. O ano de 1934 foi marcado pela aceitação unânime da participação das mulheres nos Jogos Olímpicos em modalidades como: esgrima, natação, saltos e atletismos. Foi nesse momento em que a Fefi perdeu sua força e deixou de existir, já que a Fiaa assumiu a responsabilidade de coordenar a ampliação do programa olímpico de atletismo feminino e de assumir a responsabilidade pelo esporte feminino. Os XI Jogos Olímpicos de 1936, ocorreram em Berlim, momento em que o regime nazista tomava conta da Alemanha. Nesse Jogos as mulheres somavam 328 participantes representando 26 países, em provas de esgrima, ginástica, iatismo, natação e saltos. Em Londres ocorreu os XIV Jogos Olímpicos, em 1948, nesses Jogos o programa feminino foi aumentado consideravelmente, 385 atletas de 33 países, participaram de provas nas modalidades de atletismo, esgrima, ginástica, saltos, natação e a canoagem. Nesse momento o mundo emergia da II Guerra Mundial em que foi dividido em dois blocos bastante nítidos: o capitalista, representado pelos

Estados Unidos, e o socialista, representado pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Nessa época o desenvolvimento e incentivo do esporte feminino foi visto com outros olhos, segundo Devidé (2005), o esporte feminino era uma forma de destacar o país no cenário mundial. Nos Jogos Olímpicos de Seul, 1988, constataram que 18% dos países inscritos conquistaram medalhas com mulheres, entre estes se destacaram a Alemanha Oriental, Romênia, China e a antiga União Soviética que unidos conquistaram 79% das medalhas femininas. Com isso as concluiu-se que o sistema governamental é o principal fator para o sucesso olímpico feminino.

Os XV Jogos Olímpicos de Helsinque foi tido como o 1º Jogos da Guerra Fria, países como a extinta União Soviética faziam pressão para o aumento do programa do jogos femininos, já que, os países vencedores viam nos Jogos a possibilidade de construção e de divulgação simbólica. (DEVIDE, 2005).

Apesar do esporte feminino estar se desenvolvendo, nessa olimpíada a delegação que representou o Brasil em Helsinque, era composta de 108 atletas dentre eles apenas 5 eram mulheres. Dentre as três medalhas conquistadas nenhuma foi um conquista feminina. (COB, 2004).

Na 43ª sessão do COI, no México, a não exclusão das mulheres foi unânime, mas desde que estas participassem apenas dos esportes apropriados ao seu sexo. Na 51ª sessão, 1951 em Tóquio, as mulheres não foram admitidas nas práticas de voleibol, basquete e remo. O XVI Jogos Olímpicos, em Melbourne, foi marcado pela maior representação feminina desde a reinauguração dos Jogos Olímpicos Modernos, 16,1% dos inscritos; mais uma vez, devida à uma polêmica performance de uma atleta australiana, foi criticado o físico masculinizado das atletas. Na década de 60, em uma das sessões do COI, foi discutido a possibilidade

das mulheres participarem da programação integral dos Jogos. Durante os XVII Jogos Olímpicos em Roma, 1960, essa discussão voltou a tona mas a presença feminina em esportes como: basquete, canoagem, ciclismo, handebol, remo, tiro entre outros, foi rejeitada. Em 1964 ocorreu em Tóquio os XVIII Jogos Olímpicos que contou com a participação de 700 atletas representando 53 países, nesses jogos foi incluído os 400 metros rasos, e assim o programa feminino de atletismos passou a ter 12 provas, nesse momento, também, o voleibol ganhou espaço experimental e depois definitivo. Apesar das conquistas, as mulheres continuavam a enfrentar obstáculos, exames visuais e cromossômicos passaram a ser realizados, o segundo nos XIX Jogos Olímpicos; essa atitude se deu após acusações de que atletas olímpicos pseudo-hemafroditas terem competido. No México, 1968, durante uma sessão do COI, Jean Beaumont propôs a eleição de mulheres como membro do Comitê Internacional, tal proposta foi recusada. Durante a década de 70, o papel social feminino começou a se redefinir, força e músculos femininos já eram aceitos com mais facilidade graças ao movimento, norte-americano, do fitness, que cultuava a beleza e juventude do corpo. Mesmo que essa mudança esportes como os coletivos ainda não eram bem visto para as mulheres. (DEVIDE, 2005).

Nessa década ocorreram uma série de fatos que favoreceram a emancipação da mulher em todo o mundo. No Brasil podemos citar o ano de 1979, em que a equipe feminina de judô se inscreveu, com nomes de homens, no Campeonato Sul-americano da Argentina. (A luta..., 2005)

Na 70ª sessão do COI, em Amsterdã, foi autorizado às mulheres a participação em qualquer modalidade esportiva, desde que esta fosse praticada, no mínimo, em 25 países e em 2 continentes. XX Jogos Olímpicos de Munique, 1972, além de ter sido marcado por atentados terroristas, reuniu mais de mil atletas

mulheres, que representavam 65 países, competindo em 43 provas de 8 modalidades. Um ponto importante que não podemos deixar de lado foi utilização dos anabolizantes, na olimpíada seguinte, a de Montreal, 1976, a aparência “masculinizada” das atletas alemãs chamou a atenção, Alemanha Oriental rebateu dizendo que era resultado de um treinamento específico com pesos, baseados em pressupostos científicos, esses Jogos foram conhecidos com os “Jogos Anabolizantes”. Com a preocupação dos médicos com relação a lesões nos seios entre outras doenças femininas, a década de 80 foi marcada pelo apoio médico à prática feminina de modalidades esportivas de longa distância: a maratona; em 1984 mais uma prova de atletismo passou a fazer parte do programa esportivo da mulheres. (DEVIDE, 2005).

Os XXII Jogos Olímpicos de Moscou em 1980 e os XXIII Jogos de Los Angeles, 1984, foram marcados por boicotes de países como Estados Unidos, Japão e Canadá em 1980, e União Soviética em 1984. Mesmo com a diminuição de atletas a participação feminina continuou a subir, 21,5% em Moscou e 23% em Los Angeles. Nos XXIV Jogos Olímpicos de Seul o número de participantes mulheres aumentou mais que 100% e a sua programação duplicou, mesmo com esse aumento esportes como: boxe, judô, pentatlo moderno, futebol, pólo aquático, levantamento de peso e lutas, esportes que não condiziam com as características associados ao esteriótipo “feminino”, não estavam inclusos no programa feminino. Ironicamente, pólo aquático, futebol e judô já contavam, no início da década de 90, com campeonatos mundiais femininos, o que reflete o conservadorismo ainda presente no interior do COI. (DEVIDE, 2005). Nesses Jogos a delegação brasileira continha 170, sendo 135 homens e 35 mulheres. Esse ano o Brasil conquistou 6

medalhar e mais uma vez nenhuma era proveniente de conquistas femininas. (COB, 2004)

Nos Jogos Olímpicos de Barcelona, 1992, compareceram quase 3 mil atletas mulheres representando 136 países em dezenove modalidades.(DEVIDE, 2005).

No ano de 1994, foi realizada a Conferência Mundial sobre a Mulher e o Esporte. Essa conferência realizada em Brighton na Inglaterra, reuniu políticos e dirigentes com o intuito de discutir a participação da mulher no esporte e formas de acelerar e minimizar as barreiras que as mulheres enfrentam quando participam ou se interessam por algum esporte.(CIDADE, 2004).

Segundo Cidade (2004) os destaques dessa conferência foram os três resultados: a elaboração da declaração de Brighton, o desenvolvimento de uma Estratégia Internacional para o esporte feminino, a formação de um Grupo de Trabalho Internacional sobre a Mulher e o Esporte. A declaração de Brighton é um marco na história, pois se utiliza de estratégias, articulações e ações que capacitam e valorizam a participação feminina já que a mesma reconhece o valor do esporte e seus benefícios aos indivíduos.

Cidade (2004) e Devides (2005) concordam que o COI não só adotou a declaração em 1995 com criou seu próprio Grupo de Trabalho sobre a Mulher e o Esporte, que estava responsável por fornecer ao conselho executivo do COI informações sobre políticas a serem implementadas no campo da mulher no esporte. Nos XXVI Jogos Olímpicos de Atlanta, 1996, as mulheres representaram 169 países e 34,2% do total de inscritos chegando ao número de 3.626 atletas que pela primeira vez participaram do futebol e *softbol*, devido a esse fatores e a crescente discussão a respeito dessa temática, essa olimpíada passou a ser chamada de “Jogos das Mulheres”. Para o esporte feminino brasileiro, essa olimpíada se tornou um marco na

sua história, pois foi nela que, pela primeira vez, uma atleta brasileira atingiu o ponto mais alto do pódio, Jaqueline Silva e Sandra Pires medalha de ouro, e Mônica Rodrigues e Adriana Samuel medalha de prata no vôlei de praia. (DEVIDE, 2005).

Sydney foi a cidade em que ocorreu os XXVII Jogos Olímpicos onde as mulheres participaram de 25 modalidades, inclusive o judô, futebol, pentatlo moderno, levantamento de peso entre outros esporte que antes eram reservados aos homens, nessa olimpíada as mulheres representaram 38% dos participantes. Nos XXVIII Jogos Olímpicos da Era Moderna, Atenas 2004, as mulheres representaram 4.412, correspondendo a 40,6% do total de participantes disputando 26 modalidades. Em Atenas a delegação brasileira enviada, dispunha de 122 mulheres correspondendo a 49,8% da delegação do país, mostrando um aumento significativo da participação das mulheres brasileiras no esporte de alto rendimento. (DEVIDE, 2005).

Esperamos ter atingindo o objetivo desse trabalho de mostrar e ilustrar a evolução e todo o esforço das mulheres, na sua luta para participar, de forma igualitária, da prática esportiva, em especial, a competitiva.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho abordou os temas como o esporte moderno e o envolvimento da mulher no esporte. Como vimos o esporte moderno teve seu início na Inglaterra, em meados do século XVIII, em um momento em que o capitalismo estava ganhando força e trazendo novas condições e modelos de vida. Segundo Bracht (2003) o esporte foi influenciado pelo capitalismo e assumiu certas características como o : rendimento físico-técnico, recordes, racionalização e cientificação dos treinos e das técnicas.

Ao longo do trabalho pudemos observar que o esporte passou por uma série de evolução, primeiramente, teve sua influencia vinda dos jogos praticados pelas sociedades antigas, uma grande expressão foi os Jogos Olímpicos Gregos, segundo com os jogos populares que, em certo momento, perderam força e conseguiram sobreviver graças a instituição da escola e foi nela que receberam as primeiras regras e assim evoluíram, em terceiro com o capitalismo que já foi citado acima. Um ponto importante é que a maior evolução do esporte moderno, não está só na pratica dos esportes e das diferentes modalidades que surgiram, mas sim nas evolução das suas regras, que de verbais, na antiguidade, passaram a ser escritas o que facilitou criticas e reformulações.

A participação feminina, da mesma forma que o esporte, tem seu início nas civilizações antigas, em especial a grega, em que existia uma espécie de jogos Olímpicos destinados apenas às mulheres, as Heréias. Nessa sociedade a educação feminina incluía o esporte. No desenvolvimento do trabalho vemos que houve uma estagnação da participação feminina nos esporte durante a Idade Média

e O Renascentismo, momento em que elas se tornaram meras expectadoras. Com o passar dos tempos as mulheres passaram a participar mais no esporte ainda que com preconceito e discriminação.

Pontualmente vemos que tanto o esporte moderno como a participação feminina passaram por processos que ao longo do tempo foram sendo influenciadas, diretamente ou indiretamente, pela sociedade de sua época.

## REFÊRENCIAS

BRACHT, V. *A gênese do esporte moderno*. BRACHT, V. Sociologia crítica do esporte: uma introdução. Íjuí, RS. Ed. UNIJUÍ, 2ª ed. 2003. Cáp.1

BRACHT, V. *O esporte e as instituições*. BRACHT, V. Sociologia crítica do esporte: uma introdução. Íjuí, RS. Ed. UNIJUÍ, 2ª ed. 2003. Cáp.10

BARRETO, S.M.G. Disponível em: <[http://www.cdcc.usp.br/ciencia/artigo/art\\_22/esportesaude.html](http://www.cdcc.usp.br/ciencia/artigo/art_22/esportesaude.html)> Acesso em: 27 de setembro de 2006.

CIDADE, R. E. A. *Atletas paraolímpicas: figurações e sociedade contemporânea*.2004. Tese Doutorado em 2004 – UNICAMP, Campinas, 2004.

COSTA, S. G. *Saúde, gênero e representações sociais*. org MURARO, R. M.; PUPPIN, A. B. Mulher, Gênero e sociedade. Rio de Janeiro: Ed Relume Dumará: FAPERJ, 2001.p.112-123.

DUNNING, E. *A dinâmica do desporto moderno: notas sobre a luta pelos resultados e o significado social do desporto*. ELIAS, N.; DUNNING, E. A busca da excitação. TRAD: Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa: Ed. Difel, 1992. Cáp 7

ELIAS, N. *A gênese do desporto: um problema sociológico* .ELIAS, N.; DUNNING, E. A busca da excitação. TRAD: Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa: Ed. Difel, 1992. Cáp 3

ESCOBAR, O.M. *História antiga da educação física*. Gráfica da Imprensa Oficial, Porto Alegre, RS. 1958

GEBARA, A. *A história do esporte: novas abordagens*. PRONI, M. W.; LUCENA, R. de F. *Esporte: história e sociedade*. Campinas, Sp: Autores Associados, 2002. Cáp. 1

GRIFI, G. *História da educação física e do esporte*. Ed D.C. Luzzato Ltda. Porto Alegre, RS. 1989

MARCHI JR, W. *Jogo e esporte: manifestações histórico-culturais no modelo de análise sociológica de Nobert Elias*. CARVALHO, A. de B.; BRANDÃO, C. da F. *Introdução à sociologia da cultura*. São Paulo, SP. Ed AVERCAMP. 2005. Cap 7

MATOS, M.I.S.; SOIHET, R. *O corpo feminino em debate*. Editora Unesp

MOURA, E.J.L. *As relações entre lazer, futebol e gênero*. Eriberto José Lessa de Moura.- Campinas, SP:[s.n.], 2003.

DEVIDE, F.P. *Gênero e mulheres no esporte: história das mulheres nos jogos olímpicos modernos*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005. Coleção Educação Física.

RAMOS, O.J.J. *Os exercícios físicos na história e na arte: do homem primitivo aos nossos dias*. São Paulo, SP. Ed IBRASA. 1982

STOLLER, R.J. *Masculinidade e feminilidade: apresentação do gênero*. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese.- Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

VALENTE, E.F. *História e olimpismo*. V ENCONTRO DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 1997, Maceió, AL. Coletânea. Maceió: Ed UNIJUÍ, 1997. p168-177.